

Élie Bajard

# A descoberta da língua escrita



Ilustrações

Bruno Martins dos Santos (Gambah)

1ª edição  
1ª reimpressão

**CORTEZ**  
EDITORA



© 2012 Élie Bajard  
ilustrações Bruno Martins dos Santos (Gambah)

---

© Direitos de publicação  
**CORTEZ EDITORA**  
Rua Monte Alegre, 1074 – Perdizes  
05014-001 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290  
cortez@cortezeditora.com.br  
www.cortezeditora.com.br

---

Direção  
*José Xavier Cortez*

---

Editor  
*Amir Piedade*

---

Preparação  
*Alessandra Biral*

---

Revisão  
*Alessandra Biral*  
*Gabriel Maretti*  
*Rodrigo da Silva Lima*

---

Edição de Arte  
*Mauricio Rindeika Seolin*

---

Projeto Gráfico  
*Ivo Pons – Design Possível*

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

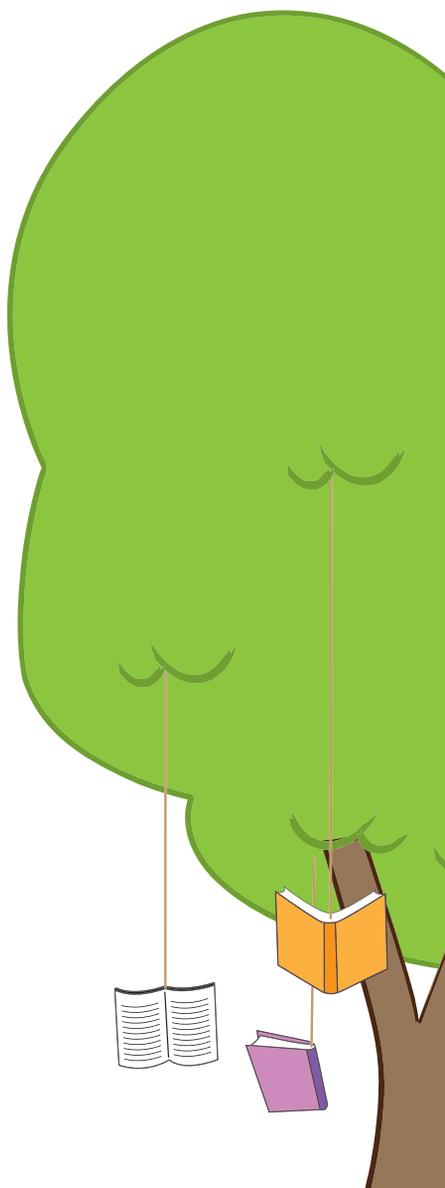
Bajard, Élie A descoberta da língua escrita / Élie Bajard, ilustrações Bruno Martins dos Santos (Gambah). – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2012. ISBN 978-85-249-2000-4 1. Literatura infantojuvenil I. Santos, Bruno Martins dos. II. Título. 12-14451 CDD-028.5
---

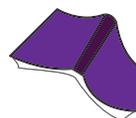
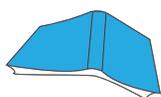
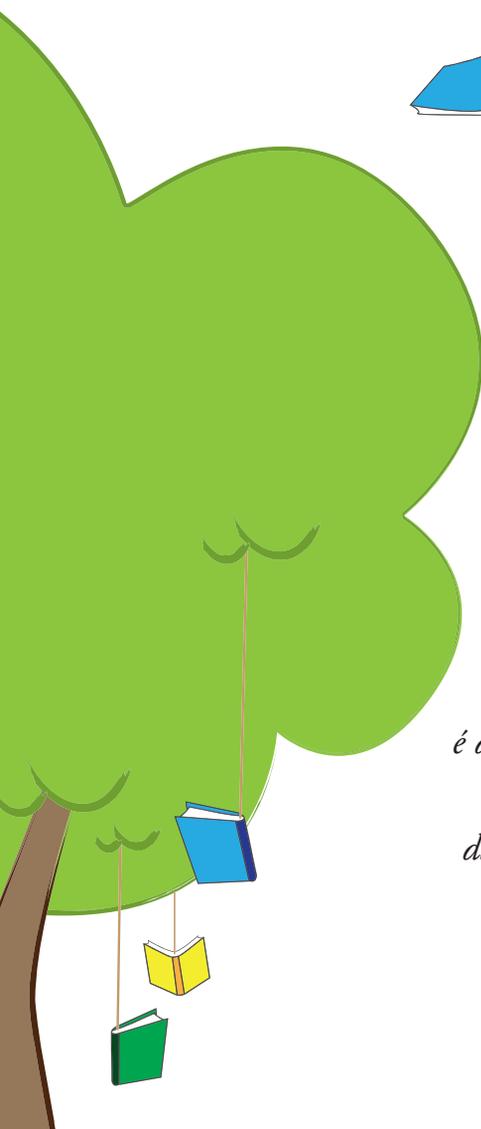
Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5  
2. Literatura juvenil 028.5

---

Impresso no Brasil — agosto de 2023





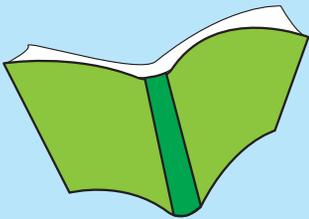
*Este livro, proveniente de pesquisa  
de um grupo de educadoras  
do Projeto Arrastão,  
é dedicado a todos os membros da instituição  
que trabalham para que crianças e jovens  
da comunidade tenham maior possibilidade  
de fazer de sua vida uma obra-prima.*



*[www.arrastao.org.br](http://www.arrastao.org.br)  
[arrastao@arrastao.org.br](mailto:arrastao@arrastao.org.br)*



# Sumário



Projeto Arrastão: uma rede solidária .....	6
Descoberta da literatura pela sessão de mediação .....	16
Descoberta do nome, a consciência de si .....	52
Descoberta do texto, à procura da compreensão .....	90

# Projeto Arrastão: uma rede solidária



Fundado em 1968, o Projeto Arrastão é uma organização social sem fins lucrativos que atua nas áreas pedagógica, social e cultural. Nesse tripé, promove a educação como um compromisso para a formação e a transformação social visando uma sociedade mais justa e com melhores oportunidades para 1,2 mil crianças, adolescentes e jovens de baixa renda na região de Campo Limpo, zona sul de São Paulo. Além da atuação social que se estende às famílias por meio de projetos que vão ao encontro das necessidades locais, a organização possui uma preocupação legítima com a formação cultural, considerando-a parte importante na construção da cidadania.

Etimologicamente a palavra ‘arrastão’ significa ‘a rede de pesca que se arrasta pelo leito do mar’. Por isso a identidade do Projeto vem dessa técnica de pescadores. Não por acaso, uma música com o mesmo nome, vencedora do I Festival de Música Popular Brasileira, em 1965, tornou-se famosa pela força de seus versos, cantados por Elis Regina. Transformamos estrofes em sonhos e peixes em pessoas, para que possamos abraçá-las em nossa rede cidadã.

Nascemos de um grupo de mulheres voluntárias que criou um Clube de Mães com o objetivo de ensinar trabalhos manuais (tricô, crochê, bordados) às mulheres de Campo Limpo com o objetivo de estimular a geração de renda e a participação mais igualitária na sociedade. A iniciativa ganhou força, e essas mães foram para o mercado de trabalho; daí surgiu a necessidade de um espaço educativo para atender os filhos das artesãs, com uma creche e, posteriormente, com novos programas. Foi assim que o Projeto Arrastão deixou de atender apenas mulheres e passou a trabalhar diretamente com crianças, adolescentes, jovens e famílias.

Hoje o trabalho continua além dos nossos portões. Nossa missão é formar cidadãos capazes de transformar a realidade e o meio em que vivem, sempre considerando o espírito coletivo de não dar o peixe, mas ensinar a pescar, visando o desenvolvimento comunitário como ponto estratégico para a continuidade do nosso ciclo de trabalho. Para isso, investimos na formação de educadores da rede pública de ensino, em novas linguagens como a arte, a educação ambiental, a leitura e, em parceria com o Poder Público, executamos um amplo projeto de reurbanização de favelas que está beneficiando mais de 1,1 mil famílias da região.

A diversidade, a qualidade e os resultados obtidos com esses trabalhos fazem do Projeto Arrastão uma organização de referência na região no Campo Limpo. As famílias dos nossos educandos e a comunidade da área reconhecem na organização um trabalho sério, confiável e transformador da realidade local.



## A prática e a reflexão na formação diária do educador no Projeto Arrastão

Diante deste pensamento criamos um grupo de experimentação tutorado pelo linguista Élie Bajard, no qual um exercício de prática e reflexão desenvolveu um repertório de didáticas inovadoras de leitura e produção da escrita com crianças e adolescentes, com foco no gosto de ler e no prazer pela leitura e literatura, contribuindo para a formação do pensamento crítico. Do ponto de vista da equipe de educadores do projeto, o aspecto lúdico e prazeroso é um importante componente para gerar interesse e motivação nos educandos. O Projeto Arrastão possui

espaços voltados especificamente para a leitura, entre os quais uma biblioteca, sala de leitura, brinquedoteca e um espaço externo apropriado para uma leitura gostosa e tranquila.

A questão da língua escrita já está há algum tempo entre os maiores desafios da educação moderna. No Brasil, outros fatores históricos agravaram ainda mais os impactos dessas transformações, como a dificuldade de acesso ao livro, o pouco estímulo à leitura, entre outros. A falta de hábito de leitura passa de geração para geração, fato que diagnosticamos em nossos familiares, atingindo também os professores e os educadores sociais. É nesse cenário que nos propusemos não só a articular e otimizar as ações e atividades que já vêm sendo realizadas nessa área, como principalmente estabelecer novas conexões e interfaces e promover a construção de um ambiente de aprendizagem mais integrado e favorável a novas práticas leitoras na escola pública.

Dessa forma, a realização de eventos e ações, como saraus, feiras de livros, gincanas literárias, pé de livro (instalação literária), sacola de leitura, cantos de leitura, formação de mediadores de leitura, entre outros, cria um ambiente bastante estimulante para os parceiros, educandos e seus familiares.

O Projeto Arrastão é oriundo de uma metodologia diferenciada de mediação de leitura à qual demos início em 2001, com a parceria do Programa Biblioteca Viva, da Fundação Abrinq e, posteriormente, pelo Projeto Mudando a História, da mesma instituição. A mediação de leitura tornou-se uma experiência inovadora a ser seguida por toda a equipe de educadores do Projeto Arrastão.

Esses frutos não seriam colhidos sem a dedicação e a atuação do nosso formador, Élie Bajard, e das educadoras que se propuseram a fazer parte desse laboratório: Ana Celia Cazaes, Amanda Aparecida da Silva, Claudineia de Oliveira Bernardo, e em especial as educadoras

que foram nossas escribas: Diana Santos Lacerda (Sessão de Mediação), Juliana Garcia (Descoberta do texto), Nelzi Garcia de Souza, Rosimeire Mateus Cruz (Descoberta do nome), Solange Aparecida da Silva, coordenadora pedagógica, além de Ivo Pons, que integrou a imagem ao texto.



## Três instrumentos pedagógicos

Eis aqui três instrumentos pedagógicos desenvolvidos pelo Projeto Arrastão: Movimento de Promoção Humana (que neste livro chamaremos simplesmente de Projeto Arrastão) para orientar as crianças em uma dupla investigação dentro da língua escrita. Trata-se de acompanhá-las por meio da procura do sentido dos textos e, fazendo isso, de guiá-las na conquista dos códigos da língua escrita.

É a produção de um pequeno grupo de oito educadores acompanhado durante vários anos por um formador. As escolhas feitas para fundamentar a experiência aqui apresentada remetem a várias áreas do conhecimento: uma visão de intervenção formadora no local de trabalho, uma concepção da língua escrita, uma metodologia de aprendizagem da língua e uma inscrição dentro de uma prática contemporânea.

## Formação

No que diz respeito à metodologia de formação dos educadores dentro do próprio Projeto Arrastão, partimos da prática como objeto de uma reflexão que possa gerar transformações na sala de aula. Nosso desejo era tecer teoria e prática sem hegemonia de nenhuma delas, como ocorre quando a prática ignora a pesquisa ou quando se “aplica” a teoria, com a pretensão de dominar a realidade social.



Esses instrumentos nasceram de uma experimentação sistemática. O grupo de formadores regularmente observava a aula de um colega e se reunia para explicitar coletivamente os pressupostos implícitos ao ato pedagógico presenciado, comparando-os aos objetivos enunciados pelo colega. Assim, graças ao retorno recebido dos pares, o mestre tem a oportunidade de ampliar a coerência entre a prática e os objetivos visados. Então, a redução da distância entre o que o professor pretende fazer e o que ele efetivamente realiza ocorre de várias maneiras: pela mudança da prática, que vai se aproximando pouco a pouco do objetivo buscado, ou pela mudança do objetivo, de maneira a salvaguardar a experiência adquirida. Na realidade, muitas vezes os dois movimentos operam juntos.

## Linguística



Na medida em que o grupo do Projeto Arrastão optou por trabalhar a aprendizagem da escrita<sup>✶</sup>, escolhemos considerar esse processo como a conquista de uma nova linguagem e não como o domínio de um código de transposição recíproca entre letras e fonemas.

A história da língua escrita ocidental mostra as modificações puramente visuais acrescentadas ao código fonográfico herdado dos gregos e principalmente a introdução do espaço branco entre as palavras escritas durante a Idade Média (séculos V ao XII). Essa evolução possibilitou a prática da leitura silenciosa.

Além disso, os estudos sobre a cultura dos surdos da segunda metade do século XX atestam a autonomia da língua escrita, já que o surdo pode ler e escrever sem conhecer a língua oral correspondente. No presente trabalho, a leitura não é considerada como uma pronúncia inaudível do texto, mas sim como tratamento de signos visuais abrindo o acesso direto

<sup>✶</sup> Ver no glossário.

ao significado. De fato podemos nos perguntar: que tipo de linguagem seria a língua escrita se sua matéria não fosse diretamente ligada ao sentido e se dependesse sempre da passagem pela língua oral?

Por isso, não queremos reduzir o caminho rumo à língua escrita apenas às pontes que a ligam à língua oral, isto é, às correspondências (fonográficas) entre sons e letras. Queremos propor à criança que explore toda a extensão do território da escrita e leve em conta todos os seus códigos, mesmo aqueles sem correspondência na oralidade, por exemplo, o espaço branco, a caixa dupla (minúscula e maiúscula) ou a pontuação.

Não nos esqueçamos de que a língua escrita é vinculada à língua oral. Assim como ocorre com esta última, a primeira função da escrita é veicular significado: ela é uma ferramenta de comunicação e de pensamento. A criança deve conquistar a capacidade de utilizar a escrita para se comunicar e para pensar. A ligação básica entre escrita e oralidade reside no fato de que as duas utilizam as mesmas palavras. Estas sempre possuem uma manifestação sonora e outra gráfica.\* Desse modo, qualquer texto gráfico pode ser dito várias vezes sem mudanças de palavras, tampouco da sua ordem. A consequência social é considerável: o analfabeto pode escutar textos e o bebê pode ter acesso muito cedo à literatura infantil. No entanto, essa presença das mesmas palavras na oralidade e na escrita não induz um tratamento idêntico. Na realidade, se a palavra escrita é visualmente individualizada na linha pelos espaços brancos que a cercam, a palavra ouvida é embutida na cadeia sonora, o que acarreta diferenças entre as operações cognitivas a serem realizadas para entender um discurso oral ou para compreender um texto.

O paralelismo entre as duas ordens da língua se manifesta também pelo uso de um pequeno número de unidades, tanto na escrita –

as letras – quanto na oralidade – os sons (fonemas). No entanto, ao contrário daquilo que é hegemonicamente aceito, não identificamos as relações entre sons e letras como sendo o único interesse do alfabeto. O maior trunfo deste último provém do fato de que a língua escrita possui um pequeno conjunto de unidades (os caracteres) capazes de terem efeito sobre o significado. É essa concepção da escrita que induz nossa abordagem do nome próprio com a criança pequena, que distingue duas pessoas distintas diante de Silvia e Sylvia, mesmo que a troca de “i” por “y” não altere a pronúncia. A substituição da letra provoca a mudança da pessoa referida. É por esse vínculo direto entre o caractere e o significado (não por sua correspondência com o som) que a escrita conquista ao mesmo tempo sua semelhança com a língua oral e paradoxalmente sua autonomia, ou seja, seu valor de linguagem.

## Pedagogia



Se a escrita é uma linguagem, podemos encontrar um modelo metodológico dentro da pedagogia da aprendizagem das línguas. Valendo-se de amostras de linguagem, a criança explora o surgimento do significado, apropriando-se pouco a pouco do processo. Não é a partir de um código reduzido ensinado pelo adulto que a criança adquire uma língua (oral ou escrita), mas sim a partir das regularidades por ela percebidas nos enunciados. É da multiplicidade de códigos em vigor nas amostras de linguagem que ela retira elementos novos a serem agregados ao seu saber linguístico já constituído.

Daí nossa escolha de apresentar textos gráficos desconhecidos à criança, aptos a suscitar operações cognitivas de desvelamento de significado, como ocorre na aprendizagem da língua materna ou de uma língua

estrangeira. Qualquer língua é herança social de determinada comunidade. A criança nascida no Brasil, assim como a criança chinesa, herda a língua oral de seus pais e a língua escrita da escola, mas a primeira deve conquistar uma língua alfabética, a segunda não. Será que as duas seguirão as mesmas etapas se a aprendizagem for baseada apenas na solicitação de produção de textos? Acreditamos que o ato de escrever se ajusta a uma prática da recepção, seja ideográfica, seja alfabética. Se a prática conjunta (recepção/emissão) aumenta a eficiência da aprendizagem da língua, a segunda é sempre resposta à primeira. O contato com a língua constituída é necessário à aprendizagem e se realiza a partir de uma matéria portadora de significado.

## Social



Enfim, levamos a sério uma transformação social dos últimos trinta anos, durante os quais a literatura infantojuvenil explodiu e provocou nas famílias letradas a expansão da escuta dos textos pela criança pequena. É na família letrada que, muito cedo, os filhos se deparam hoje com a língua escrita, por meio da escuta de textos ditos pelos pais e não mais na escola, a partir da cartilha. A alfabetização não propicia mais acesso aos livros; são os livros que deslancham a aprendizagem da escrita. Contudo, as famílias não letradas são excluídas desse processo: os pais nem possuem livros, nem podem, quando analfabetos, dizer textos. A criança de meios populares deve esperar a entrada na escola para enfim encontrar os livros. Felizmente, existem, fora da escola, instituições educacionais como o Projeto Arrastão e outros projetos sociais de voluntários que se substituem aos pais para assumir essa função.

## Vulgarização



Ao publicar os três instrumentos em um único livro, pretendemos lançar uma ponte entre os educadores sociais e os profissionais do ensino. É importante que os pais conheçam o caminho percorrido pelos filhos, assim como é necessário que o professor saiba enraizar seu trabalho na experiência extraescolar de seus alunos.

“Descoberta do nome, consciência de si” e “Descoberta do texto, à procura da compreensão” endereçam-se prioritariamente ao mestre responsável pela alfabetização e visam enriquecer sua competência profissional. “Descoberta da literatura pela sessão de mediação” endereça-se a um público mais amplo (pai, avó, vizinho, amigo) por tratar de uma prática passível de apropriação por qualquer pessoa letrada que queira se tornar “padrinho da escrita” na educação da criança.

Nosso desejo é que o livro seja uma ferramenta de formação para o conjunto educacional do Projeto Arrastão, mas também que sirva à socialização dessa prática nas instituições vizinhas e nas comunidades nas quais elas se inserem.

Para que ele seja acessível a parentes, educadores ou professores sem formação acadêmica, tentamos facilitar a leitura de várias maneiras. Em primeiro lugar, pela presença maciça da imagem. Ela é obra de um jovem talentoso que conquistou reconhecimento mediante desenhos realizados nos muros das ruas do bairro. Este livro é sua primeira obra em papel. Por outro lado, efetuamos um trabalho cuidadoso de simplificação da terminologia. Evitamos usar termos linguísticos que poderiam afastar o leitor potencial. No entanto, fizemos questão de não abrir mão do rigor metodológico.